

Après le silence obscur du laboratoire, vient la synthèse en pleine lumière. Voici, mis à la disposition du plus grand nombre, un demi – siècle de réflexions et de recherches sur l'histoire des femmes, les relations entre les sexes, leur différence, les sexualités, le genre. Témoin des progrès accomplis, des découvertes qui ont changé nos conduites et peut-être nos vies par les chemins de liberté qu'ouvre la connaissance, ce Dictionnaire pionnier, original, désormais indispensable instrument de travail, fait le point de nos savoirs et nous incite à poursuivre.

Após o silêncio escuro do laboratório vem a síntese em plena luz. Eis aqui, disponível a todos, meio século de reflexão e pesquisa sobre a história das mulheres, as relações entre os sexos, sua diferença, as sexualidades, o gênero. Testemunha dos progressos alcançados, das descobertas que mudaram nosso comportamento e talvez nossas vidas, pelos caminhos de liberdade que o conhecimento abre, este Dicionário, pioneiro, original, doravante ferramenta indispensável de trabalho, é um registro dos nossos saberes e um incentivo a continuar.

Después del silencio oscuro del laboratorio, viene la síntesis a plena luz. Aquí esta, disponible a un gran numero de personas, la mitad de un siglo de reflexiones e investigaciones sobre la historia de las mujeres, las relaciones entre los sexos, sus diferencias, las sexualidades, el género. Testigo de los progresos realizados, de las descubiertas que cambiaron nuestro comportamiento, y quizás nuestras vidas, por los caminos de libertad que se abren del conocimiento, este Dicionario pionero, original, de aquí en adelante indispensable instrumento de trabajo, es un balance de nuestros saberes y un aliento a continuar.

*Michelle Perrot*

Ana Maria Colling  
Losandro Antonio Tedeschi  
(Organizadores)



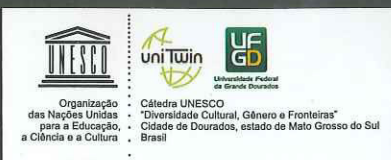
Ana Maria Colling  
Losandro Antonio Tedeschi  
(Organizadores)

# Dicionário Crítico de gênero

ISBN - 978-85-8147-118-1



Realização:



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
Cátedra UNESCO "Diversidade Cultural, Gênero e Fronteiras"  
Cidade de Dourados, estado de Mato Grosso do Sul, Brasil



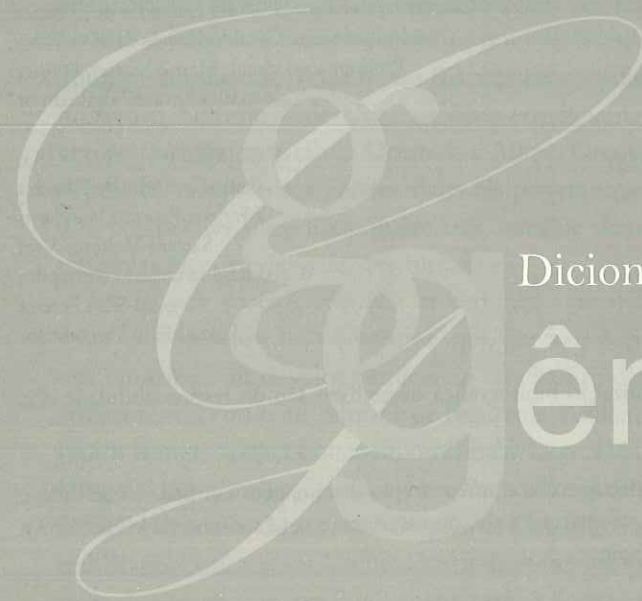
Laboratório de Estudos de Gênero, História e Interculturalidade



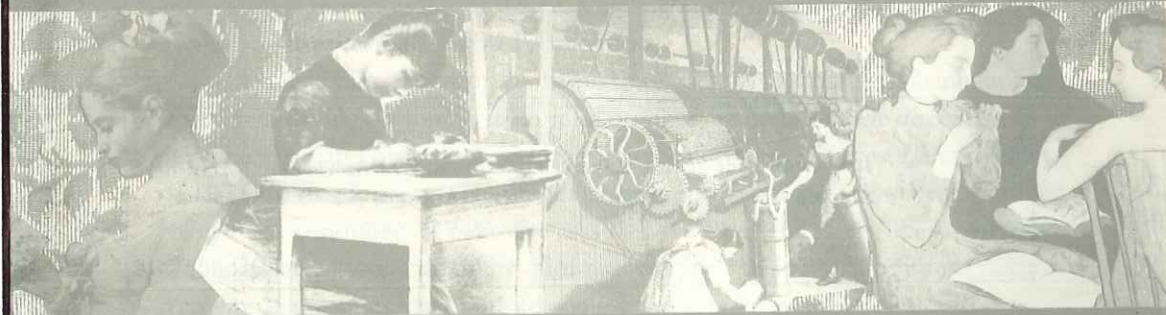
Este Dicionário apresenta-se como uma obra de referência para as/os interessadas/os nos estudos de gênero, pois analisa importantes categorias e autoras/es que contribuem para estes estudos. Há muito tempo a categoria de análise gênero tem apontado e visibilizado o silenciamento da história no que diz respeito às relações entre mulheres e homens, demonstrando que este silêncio foi historicamente construído. Este livro apresenta importantes categorias, em formato de verbetes, que contribuem para questionar a naturalização das formas de relações sociais que instituem o feminino e o masculino em uma escala de valores hierarquizada, tendo como objetivo, desnaturalizar no imaginário e nas representações sociais, as desigualdades existentes nas relações entre homens e mulheres. Trata-se de uma obra instigante e plural a partir do enfoque que entende o gênero como uma representação que produz e reproduz diferenças por meio da classificação dos indivíduos pelo sexo, e que exige, portanto, abordagens e epistemologias específicas para suas análises. Longe de ser um manual didático o "Dicionário Crítico de Gênero" apresenta conceitos já trabalhados por autoras/es em outros estudos, mas pode ser considerado uma referência bibliográfica atualizada para os/as interessados/as em estudos de gênero e sexualidades. Por ser um dicionário crítico, os verbetes foram redigidos sob a forma de problematização de conceitos, para estabelecer uma reflexão e uma aproximação, necessárias e sugestivas, entre os conceitos e seu objeto. Cada verbete/conceito arrola pequenas bibliografias, umas mais, outras menos extensas, certamente úteis para a continuidade e aprofundamento das/os estudiosas/os da temática, resgatando e sugerindo interessantes propostas teóricas e críticas. Elaborado por intelectuais de diversos campos do saber e de diversas universidades brasileiras e internacionais, propõe-se um instrumento de conhecimento e de comunicação e suas reflexões serão fundamentais aos estudos de gênero e das sexualidades.



Ana Maria Colling  
Losandro Antonio Tedeschi  
(Organizadores)



## Dicionário Crítico de gênero





Universidade Federal da Grande Dourados  
 Reitor: Damião Duque de Farias  
 Vice-Reitora: Marlene Estevão Marchetti

EDITORA DA UFGD

Coordenação editorial: Paulo Custódio de Oliveira  
 Administração: Givaldo Ramos da Silva Filho  
 Programação visual: Marise Massen Frainer  
 e-mail: editora@ufgd.edu.br

CONSELHO EDITORIAL

Paulo Custódio de Oliveira  
 Marlene Estevão Marchetti  
 Sandro Menezes Silva  
 Célia Regina Delácio Fernandes  
 Rogério Silva Pereira  
 Luiza Mello Vasconcelos

A revisão textual e a normalização bibliográfica deste livro são de responsabilidade dos organizadores e autores.

Os autores são responsáveis pela escolha e apresentação das imagens contidas nesse livro e pelas opiniões nele expressas, as quais não são, necessariamente, as mesmas da UNESCO e não comprometem a organização.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

D546	Dicionário crítico de gênero. / Organizadores: Ana Maria Colling, Losandro Antonio Tedeschi -- Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015. 682p.
	ISBN: 978-85-8147-118-1 Possui referências
	1. Dicionário de gênero. 2. Sexualidades. I. Ana Maria Colling. II. Losandro Antonio Tedeschi. III. Título.
	CDD – 301.418

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.  
 © Todos os direitos reservados. Conforme lei nº 9.610 de 1998



Ce Dictionnaire, superbement pensé, documenté, organisé, atteste de la vitalité et du développement des recherches sur les femmes et le genre dans le monde ibérique et latino-américain, dont le Brésil est un phare. Car c'est une initiative brésilienne dont il faut féliciter les coordinateurs, Ana Maria Colling et Losandro Antonio Tedeschi, tous deux enseignants-chercheurs à l'UFGD (Université fédérale de Grande Dourados, Matto Grosso do Sul), université engagée depuis de nombreuses années dans les programmes « Femmes/Genre », avec une perspective pluridisciplinaire très sensible dans le Dictionnaire, ouvert aux multiples facettes des sciences humaines.

Ils ont suscité, recueilli et ordonné une matière foisonnante autour de deux axes majeurs: les personnes qui, par leur écriture, leur pensée, leur action ont contribué au développement de ce champ; d'autre part, les notions qui le structurent. D'un côté, Simone de Beauvoir, Poulain de la Barre, Pierre Bourdieu, Judith Butler, Michel Foucault, ou Bertha Lutz. De l'autre, Aborto, Aids, Clitoris, Histeria, Homofobia, Lesbianismo, Pecado original... Les articles proposent des analyses approfondies autour du prisme du genre. Par exemple, la notice (Margareth Rago) consacrée à Michel Foucault traite non pas de l'œuvre du philosophe, mais de son apport, parfois controversé, à l'histoire des femmes et à celle de la sexualité.

Ces données sont classées dans l'ordre alphabétique des entrées 137 auteurs ont rédigé plus de 148 notices. Cela représente un confluent de recherches et d'écritures qui aboutit à ce fleuve, à cette somme unique, nécessaire, utile, qui a valeur de manifeste et suscite l'admiration.

Après le silence obscur du laboratoire, vient la synthèse en pleine lumière. Voici, mis à la disposition du plus grand nombre, un demi – siècle de réflexions et de recherches sur l'histoire des femmes, les relations entre les sexes, leur différence, les sexualités, le genre. Témoin des progrès accomplis, des découvertes qui ont changé nos conduites et peut-être nos vies par les chemins de liberté qu'ouvre la connaissance, ce Dictionnaire pionnier, original, désormais indispensable instrument de travail, fait le point de nos savoirs et nous incite à poursuivre.

Michelle Perrot



## História das mulheres

*Génesis e desenvolvimento, da invisibilidade à legitimação:* a área de estudos de história das mulheres começou a desenvolver-se, nos países ocidentais, a partir dos anos 1970, não obstante algumas iniciativas na década anterior, em particular nos Estados Unidos da América, país onde, sob o impulso do militantismo feminista, se criaram os primeiros núcleos de *women's studies*. Ressalvadas diferenças decorrentes de distintos contextos nacionais, são

vários os factores de natureza política, institucional e historiográfica que possibilitaram a emergência do novo domínio do conhecimento. De entre os factores de natureza conjuntural, salienta-se o contributo dos movimentos feministas e de outras acções de intervenção feminina, os quais, ao questionarem o lugar das mulheres no processo histórico, obrigaram a rever a sua ausência e a conferir-lhes uma visibilidade que lhes permitiu aceder ao estatuto de sujeito e à cena da história (COLLING, 2012-13, p. 13). No campo historiográfico, a história das mulheres foi tributária da escola dos Annales, dos contributos de outras ciências sociais (antropologia, demografia, sociologia...) e, em particular, da “nova história” social, de orientação antropológica, vocacionada para o estudo da vida privada, dos marginais e de todos os excluídos, em geral. Ao dotarem-na de instrumentos teóricos e metodológicos mais adequados e ao se deslocar a análise dos acontecimentos de natureza política para os da vida privada e quotidiana, assegurou-se à história das mulheres condições para o seu progresso. Já no campo político, a democratização em curso, em vários países europeus, veio permitir a renovação historiográfica e a mudança de paradigmas epistemológicos, com impacto no estudo de temas ou períodos históricos desprezados pela historiografia

tradicional. Não menos importante foi o papel de organizações internacionais que, a partir de meados dos anos setenta, incluíram nas suas agendas questões relativas aos direitos das mulheres (celebração do ano Internacional da Mulher em 1975; proclamação pela ONU da Década das mulheres, no período 1976-1985; deliberações do Conselho da Europa, da Comunidade Económica Europeia e de outras instituições sobre igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, etc.). Por seu turno, a entrada, em número crescente, de mulheres no ensino superior e no mercado de trabalho, incentivou a pesquisa e o interesse pela sua história (MATOS, 2000, p. 9). Na década de setenta, os estudos seguem, em alguns países, caminhos diversos, quer sob o impacto de uma historiografia independente, quer em função de questões teóricas levantadas pela reflexão crítica de obras de teorizadores do socialismo científico (Engels...), como é o caso dos países do Leste europeu, quer problematizando questões étnicas em países multirraciais (OFFEN; PIERSON; RENDALL, 1991). Inicialmente hesitante na sua legitimidade e credibilidade, na selecção das fontes e dos métodos específicos, assistiu-se, a partir da década de oitenta, à progressiva consolidação dos estudos de história das mulheres no ensino superior e ao seu reconhecimento como área cientí-

fica, com impacto no aumento de cursos, núcleos de estudos, associações, centros de investigação e produção bibliográfica. Tendo progredido a “passo de gigante”, como afirma Anne-Marie Sohn, a história das mulheres constitui, no dealbar do século XXI, e no dizer de alguns historiadores, “um dos movimentos mais fecundos da produção historiográfica mundial”, tendo trazido para a disciplina histórica novos temas de investigação e novos conceitos que têm reequacionado parâmetros interpretativos.

*Linhas de rumo, fontes e metodologias:* as primeiras pesquisas sobre história das mulheres foram suscitadas pelos movimentos feministas, em especial, pelo esforço de resgate de uma memória colectiva, orientando-se para a análise histórica do associativismo reivindicativo feminino e principais conquistas. Aliás, a história das mulheres foi um dos pilares em que assentou a construção de uma consciência específica e identitária, tendo também contribuído para a revisão crítica dos conhecimentos históricos. Ao pôr-se em causa os fundamentos epistemológicos do saber (sua neutralidade, a relação entre o público e o privado, os conceitos de natureza e de universal, etc.) dinamizou-se a renovação da ciência, assumindo um carácter político e subversivo. Já no contexto universitário, avançou-se na pesquisa de outras

matérias, enquadradas pela história social, pela nova história ou pela micro-história, privilegiando-se, como temas, a família, a condição jurídica e social, o trabalho, a educação, formas de sociabilidade, movimentos políticos e sociais. Nesta fase, a história das mulheres foi, em parte, tributária da investigação no domínio da história da família, temática desenvolvida na esteira dos trabalhos de demografia histórica, realizados a partir dos anos sessenta. A utilização da metodologia criada por Louis Henry de “reconstituição de famílias”, ao incidir nas estruturas familiares e no parentesco, contribuiu para pôr em evidência as diferenças sexuais no que concerne ao casamento, à mortalidade ou ao celibato, entre outros aspectos. Das análises demográficas passou-se ao estudo dos papéis e dos espaços femininos no quadro da instituição familiar e da vida privada, linha de pesquisa que prosseguiu em várias direcções, tendo como base documentos de variada procedências (VAQUINHAS, 2005, p. 129). Nos anos noventa, a introdução do conceito de género no discurso historiográfico fez avançar novas linhas de pesquisa e obrigou a reavaliar “as grandes questões da história”, ao partir-se do pressuposto de que a diferença de sexos não é apenas um fenómeno natural mas uma construção cultural e histórica. A distinção entre o “sexo biológico” e o “sexo

social” levou a questionar estereótipos (ex. a exclusão das mulheres da cidadania política, a correlação entre a incapacidade física, intelectual e política das mulheres, etc.), e a historicizar a condição feminina. Sendo, porém, um conceito originário da linguística anglo-saxónica, a adopção do termo “género” pelo vocabulário das ciências sociais, entre as quais se inclui a história, não foi pacífica e neutral. Como esclarece a historiadora Joan Scott, a sua utilização obedeceu a objectivos estratégicos, enquadrando-se na “busca de uma legitimidade institucional para os estudos feministas nos anos oitenta”, uma vez que “não constituía uma ameaça crítica”, por oposição ao termo “história das mulheres” que “revela sua posição política afirmando [...] que as mulheres são sujeitos históricos válidos” (SCOTT, 1990, p. 7). Por outro lado, embora a palavra “género”, na sua acepção mais simples, seja utilizada como “sinónimo de mulheres”, é semanticamente ambígua, tanto designando categorias gramaticais (feminino/masculino), como literárias, não sendo sempre claro a que se reporta (THÉBAUD, 1998, p. 21). É nessa ambiguidade que reside um dos critérios de distinção entre os *women's studies* e os *gender's studies*. Estes últimos caracterizam-se por serem “mais generalistas e incluírem o estudo dos homens e dos grupos homossexuais, tanto mas-

culinos como femininos e pelo seu carácter teórico, estando geralmente associados aos departamentos de línguas e de literatura anglo-saxónica” (BOXER, 2001, pp. 226-229). Já os *women's studies* são considerados “retroçados”, por criarem guettos no saber científico, tendo, porém, a vantagem de serem mais empiristas, objectivos e explícitos, não escamoteando as mulheres, nem branqueando a sua memória histórica. A articulação destas duas linhas teóricas fez emergir um novo campo de estudos que “por ecumenismo epistemológico” se designa, em alguns países, por “história das mulheres e do género” (SOIHET; PEDRO, 2007). Porém, qualquer que seja o enquadramento teórico, o que convém reter, como observa Maria Beatriz Nizza da Silva, é “a forma como se trabalha”, tendo-se presente que “para a história [...] as mulheres nunca foram abstracções”, sendo o conhecimento histórico “por excelência um conhecimento relacional” (SILVA, 1999, p. 47). Já no que diz respeito aos obstáculos à realização das pesquisas nesta área de estudos, a questão da representatividade das fontes historiográficas tem sido apontada como um dos principais factores, em especial, a sua ausência, laconismo, dispersão ou subjectividade (MATOS, 2000, p. 22; VAQUINHAS, 2005, p. 125). As mulheres deixaram-nos poucos testemunhos das suas vidas e as

informações são, em regra, dispersas, fragmentadas, em segunda mão, recriadas por outros, impondo a necessidade da crítica hermenêutica das fontes, de forma a se poder distinguir as representações ideológicas da natureza feminina da realidade concreta. Ideias preconcebidas entravam também a objectividade de muitas fontes, como é o caso, entre outras, das estatísticas judiciais, conduzindo a informações tendenciosas, de que é exemplo a interpretação da fraca criminalidade feminina oitocentista, entendendo-a como o reflexo da inferioridade física e intelectual das mulheres. Escassez e “opacidade das fontes” (PERROT, 1998, p. 10) resguardavam o sexo feminino do olhar dos outros, incluindo historiadores. Um fenómeno a que as próprias mulheres não foram alheias... Não obstante estes (e outros) condicionamentos, tem-se recorrido a um leque heterogéneo de documentos: fiscais, judiciais (escrituras notariais, processos de polícia correcional, processos cíveis, divórcios...), imprensa, fontes eclesiásticas e médicas (sermões e pastorais; obras de medicina...), recolhidas etnográficas, estatísticas e recenseamentos, fotografias e outros materiais iconográficos, entre outras. O recurso à história oral, como metodologia de estudo, tem sido uma via muito utilizada, sobretudo na história do tempo presente.

*Usos políticos da história das mulheres: o reconhecimento público da importância das mulheres na história* traduziu-se, entre outros aspectos, na sua incorporação na narrativa simbólica dos espaços públicos e das paisagens urbanas, seja pela renomeação de ruas, atribuindo-lhes nomes femininos e pela elaboração de guias com percursos ligados a actividades femininas, seja em iniciativas comemoracionistas. Grande número de países comemora, a 8 de Março, o dia da mulher, o qual constitui, em alguns casos, a única ocasião anual para se valorizar a história das mulheres através de exposições, emissões de selos, documentários, etc. Desde os anos 1990 que a história das mulheres influenciou a museologia, fazendo desenvolver o conceito de “museologia de género”, sendo em número significativo, à escala mundial, os museus monográficos dedicados a temáticas femininas. Na sua maioria de carácter histórico, têm como principal missão a reescrita da história do respectivo país, região ou estado, incorporando a dimensão de género, assim como dar visibilidade ao protagonismo feminino nos vários campos da actividade social e cultural.

*Irene Montesuma Vaquinhas*

## Referências e sugestões de leitura

BOCK, Gisela, “La historia de las mujeres y la historia del género: aspectos de un debate internacional”, *Historia Social*, nº 9, Invierno 1991.

BOXER, Marilyn J., “Women’s studies aux États-Unis: trente ans de succès et de contestation”, *Clio. Histoire, Femmes et Sociétés*, nº 13/2001, pp. 226-229.

COLLING, Ana Maria, “Relações de poder e género na história do Brasil”, *Revista de História, Petrolina*: Dez. 2012 – Maio 2013, pp. 11-24.

[http://www.revistahistorien.com/Historien8/Artigo01\\_AnaMariaColling.pdf](http://www.revistahistorien.com/Historien8/Artigo01_AnaMariaColling.pdf) (20-08-2013; 17.45).

COVA, Anne, “Escrever a história das mulheres”, *Actas dos V Cursos Internacionais de Verão de Cascais* (6 a 11 de Julho de 1998), Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 1999, vol. 4, pp. 117-130.

KLAPISSCH-ZUBER, C., C., “Mulheres”, *BURGUIÈRE, André* (org.), *Dicionário das Ciências Históricas*, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993, pp. 569-572.

MATOS, Maria Izilda S. de, *Por uma história da mulher*, 2ª edição, Bauru, SP: EDUSC, 2000.

OFFEN, Karen; PIERSON, Ruth Roach; RENDALL, Jane, (eds.), *Writing women’s history. International perspectives*, Londres: Macmillan, 1991.

PERROT, Michelle, *Une histoire des femmes est-elle possible?*, Paris: Ed. Rivages, 1984.

SCOTT, Joan, “Género: uma categoria útil de análise histórica”, *Educação e realidade*, Porto Alegre, nº 16 (2), Julho/Dezembro 1990, pp. 5-22.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da, “Passado e presente nos estudos sobre as mulheres”, *Igualdade de oportunidades. Género e educação*, Lisboa: CEMRI, Universidade Aberta, 1999, pp. 43-47.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria, “A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de género”, *Revista Brasileira de História*, vol. 27, nº 54, São Paulo: Dezembro 2007. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-1882007000200015>; Acesso em 01/09/2013

SOHN, Anne-Marie, “Féminin et masculin”, *Le Mouvement Social*, Janvier-Mars 2002, nº 198.

THÉBAUD, Françoise, *Écrire l’histoire des femmes*, 2ª édition, Fontenay: ENS Éditions Fontenay/Saint-Cloud, 1998.

TILLY, Louise A., "Genre et histoire des femmes et histoire social", *Genèses*, nº 2, Dec. 1990.

VAQUINHAS, Irene, "Estudos sobre a história das mulheres em Portugal: as grandes linhas de força no início do século XXI", *INTERthesis, Revista Internacional Interdisciplinar*, vol. 06, nº 1, 2009, UFSC, Florianópolis, Brasil, pp. 241-253 (<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis>)

\_\_\_\_\_, Irene, "Estudos sobre as mulheres na área de história", "Senhoras e mulheres" na sociedade portuguesa do século XIX, 2ª edição, Lisboa, Editorial Colibri, Setembro 2011, pp. 163-184.

\_\_\_\_\_, Irene, "Linhas de investigação para a história das mulheres nos séculos XIX e XX. Breve esboço", *Nem Gatas Borracheiras, Nem Bonecas de Luxo. As Mulheres Portuguesas Sob o Olhar da História (Séculos XIX-XX)*, Lisboa: Livros Horizonte, 2005, pp. 125-153.

